

2024
2025



Papa Leão XIV



CATEQUESES
AUDIÊNCIA JUBILAR

Índice

II. A vida de Jesus. As parábolas.....	Erro! Marcador não definido.
6. O semeador. <i>Falou-lhes, então, de muitas coisas em parábolas (Mt 13,3)</i>	3
II. A vida de Jesus. As parábolas.....	Erro! Marcador não definido.
7. O samaritano. <i>Passou junto dele e, ao vê-lo, ficou profundamente compadecido. (Lc 10,33)</i>	Erro! Marcador não definido.
II. A vida de Jesus. As parábolas.....	Erro! Marcador não definido.
8. Os operários na vinha. <i>«E disse-lhes: “Ide também vós para a vinha”» (Mt 20,4)</i>	Erro! Marcador não definido.
II. A vida de Jesus. As parábolas.....	Erro! Marcador não definido.
9. Bartimeu. <i>“Tem coragem, levanta-te! Ele chama-te.” (Mc 10,49)</i>	Erro! Marcador não definido.
II. A vida de Jesus. As curas	Erro! Marcador não definido.
10. A cura do paralítico. <i>“Quando Jesus o viu deitado e soube que estava assim havia já muito tempo, disse-lhe: «Queres ficar são?»” (Jo 5,6)</i>	Erro! Marcador não definido.
II. A vida de Jesus. As curas	Erro! Marcador não definido.
11. A mulher que sofria de hemorragias e a filha de Jairo. <i>“Não tenhas medo! Acredita apenas” (Mc 5,36)</i>	Erro! Marcador não definido.
II. A vida de Jesus. As curas	Erro! Marcador não definido.
12. O surdo-mudo. <i>Profundamente perplexos, diziam: «Tudo o que faz é bem feito: faz os surdos ouvir e os mudos falar» (Mc 7,37)</i>	Erro! Marcador não definido.
III. A Páscoa de Jesus	Erro! Marcador não definido.
1. A preparação da ceia. <i>“Preparai-a ali para nós” (Mc 14,15)</i> Erro! Marcador não definido.	
III. A Páscoa de Jesus	Erro! Marcador não definido.
2. A traição. <i>“Porventura sou eu?”</i>	Erro! Marcador não definido.
III. A Páscoa de Jesus	Erro! Marcador não definido.
3. O perdão. <i>«Amou-os até à consumação» (Jo 13,2)</i>	Erro! Marcador não definido.
III. A Páscoa de Jesus	Erro! Marcador não definido.
4. A entrega. <i>“Quem procurais?” (Jo 18,4)</i>	Erro! Marcador não definido.
III. A Páscoa de Jesus	Erro! Marcador não definido.
5. A crucificação. <i>“Tenho sede!” (Jo 19,28)</i>	Erro! Marcador não definido.
III. A Páscoa de Jesus	Erro! Marcador não definido.

6. A morte. *"Jesus, soltando um forte grito, expirou" (Mc 15,37)* Erro! Marcador não definido.
- III. A Páscoa de Jesus Erro! Marcador não definido.
7. A morte. *"Um túmulo novo, onde ainda ninguém tinha sido sepultado" (João 19,40-41)* Erro! Marcador não definido.
- III. A Páscoa de Jesus Erro! Marcador não definido.
8. A descida. *"Foi por esse mesmo Espírito que Ele foi pregar aos espíritos que estavam cativos" (1Pd 3,19)* Erro! Marcador não definido.
- III. A Páscoa de Jesus Erro! Marcador não definido.
9. A ressurreição. *"A paz esteja convosco" (João 20,21)* Erro! Marcador não definido.
- III. A Páscoa de Jesus Erro! Marcador não definido.
10. Reacender. *«Não nos ardía o nosso coração [...]?» (Lc 24,32)* Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
1. O Ressuscitado, fonte viva da esperança humana Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
2. A Ressurreição de Cristo, resposta à tristeza humana Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
3. A Páscoa traz esperança para a vida cotidiana Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
4. A espiritualidade da Páscoa inspira a fraternidade. *«Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei» (ver Jo 15,12)* Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
5. Espiritualidade pascal e ecologia integral Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
6. Esperar na vida para gerar vida Erro! Marcador não definido.
- IV. A Ressurreição de Cristo e os desafios do mundo de hoje Erro! Marcador não definido.
7. A Páscoa como refúgio do coração inquieto Erro! Marcador não definido.

Esperar é ligar

Ireneu de Lião

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco!

Amados irmãos e irmãs!

Recomeçam esta manhã as audiências jubilares especiais que o [Papa Francisco](#) iniciou no mês de janeiro, propondo cada vez um aspeto particular da virtude teologal da esperança e uma figura espiritual que a testemunhou. Portanto, continuemos o caminho iniciado, como peregrinos de esperança!

Une-nos a esperança transmitida pelos Apóstolos desde o princípio. Os Apóstolos viram em Jesus a terra ligar-se ao céu: acolheram a Palavra da vida com os olhos, os ouvidos e as mãos. O Jubileu é uma porta aberta para este mistério. O ano jubilar liga mais radicalmente o mundo de Deus ao nosso. Convida-nos a levar a sério o que rezamos todos os dias: «Assim na terra como no céu». Nisto consiste a nossa esperança. Eis o aspeto que, hoje, gostaríamos de aprofundar: esperar significa ligar.

Um dos maiores teólogos cristãos, o bispo Ireneu de Lião, ajudar-nos-á a reconhecer a beleza e a atualidade desta esperança. Ireneu nasceu na Ásia Menor e formou-se entre aqueles que tinham conhecido diretamente os Apóstolos. Depois veio para a Europa, porque em Lião já se tinha formado uma comunidade de cristãos provenientes da sua terra. Como nos faz bem recordá-lo aqui, em Roma, na Europa! O Evangelho foi trazido para este continente a partir de fora. E, ainda hoje, as comunidades de migrantes constituem presenças que reavivam a fé nos países que as acolhem. O Evangelho vem de fora. Ireneu liga o Oriente e o Ocidente. Este é já um sinal de esperança, pois recorda-nos como os povos continuam a enriquecer-se mutuamente.

Mas Ireneu tem um tesouro ainda maior para nos oferecer. As divisões doutrinárias que encontrou no seio da comunidade cristã, os conflitos internos e as perseguições externas não o desencorajaram. Pelo contrário, num mundo fragmentado, aprendeu a pensar melhor, prestando atenção cada vez mais profunda a Jesus. Tornou-se cantor da sua pessoa, aliás, da sua carne. Com efeito, reconheceu que n'Ele o que para nós parece oposto se recompõe na

unidade. Jesus não é um muro que separa, mas uma porta que nos une. Devemos permanecer n'Ele e distinguir a realidade das ideologias.

Caros irmãos e irmãs, ainda hoje as ideias podem enlouquecer e as palavras podem matar. A carne, porém, é aquilo de que todos nós somos feitos; é o que nos liga à terra e às outras criaturas. A carne de Jesus deve ser acolhida e contemplada em cada irmão e irmã, em cada criatura. Ouçamos o clamor da carne, escutemos a dor do próximo que nos chama pelo nome. O mandamento que recebemos desde o princípio é o do amor recíproco. Ele está inscrito na nossa carne, antes de qualquer lei.

Ireneu, mestre de unidade, ensina-nos a não opor, mas a ligar. Não há inteligência onde se separa, mas onde se liga. Distinguir é útil, mas dividir nunca. Jesus é a vida eterna no meio de nós: Ele une os opostos, tornando possível a comunhão.

Somos peregrinos de esperança, porque entre as pessoas, os povos e as criaturas é necessário que alguém se decida a caminhar rumo à comunhão. Outros seguir-nos-ão. Como Ireneu em Lião, no século II, assim em cada uma das nossas cidades, voltemos a construir pontes onde hoje existem muros. Abramos portas, liguemos mundos, e haverá esperança!

Apelo

Efetivamente, também nestes dias chegam notícias que causam muita preocupação. Deteriorou-se gravemente a situação no Irã e em Israel e, num momento tão delicado, gostaria de renovar com veemência um apelo à responsabilidade e à razão. O compromisso de construir um mundo mais seguro e livre da ameaça nuclear deve ser procurado através de um encontro respeitoso e de um diálogo sincero, a fim de edificar uma paz duradoura alicerçada na justiça, na fraternidade e no bem comum. Ninguém jamais deveria ameaçar a existência do outro. É dever de todos os países apoiar a causa da paz, iniciando caminhos de reconciliação e favorecendo soluções que garantam segurança e dignidade para todos.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 14 junho 2025

Esperar é escavar

Imperatriz Helena

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Bem-vindos todos vós, peregrinos que viestes a Roma de tantos lugares diferentes. Nesta cidade rica de história, podemos ser confirmados na fé, na caridade e na esperança. Hoje vamos meditar sobre um aspeto particular da esperança.

Gostaria de começar com uma recordação: quando éramos crianças, pôr as mãos na terra tinha um fascínio especial. Recordamo-nos disto e talvez ainda o observemos: faz-nos bem observar as brincadeiras das crianças! Escavar a terra, quebrar a crosta dura do mundo e ver o que há por baixo...

O que Jesus descreve na parábola do tesouro no campo (cf. Mt 13, 44) já não é uma brincadeira de crianças, no entanto a alegria da surpresa é a mesma. E o Senhor diz-nos: assim é o Reino de Deus. Aliás: assim se encontra o Reino de Deus. A esperança reacende-se quando escavamos e quebramos a crosta da realidade, quando vamos abaixo da superfície.

Hoje, gostaria de recordar convosco que, assim que obtiveram a liberdade de viver publicamente como cristãos, os discípulos de Jesus começaram a escavar, em particular nos lugares da sua paixão, morte e ressurreição. A Tradição do Oriente e do Ocidente recorda Flávia Júlia Helena, mãe do imperador Constantino, como a alma destas investigações. Uma mulher que procura. Uma mulher que escava. O tesouro que acende a esperança é, na realidade, a vida de Jesus: é preciso seguir os seus passos!

Quantas outras ações poderia ter realizado uma imperatriz! Que lugares nobres poderia ter preferido, em relação à periférica Jerusalém. Quantos prazeres e honras de corte. Também nós, irmãs e irmãos, podemos acomodar-nos nas posições alcançadas e nas riquezas, maiores ou menores, que nos dão segurança. Assim, perdemos a alegria que tínhamos quando éramos crianças, aquele desejo de escavar e inventar que torna novo cada dia. “Inventar” – bem sabeis – em latim significa “encontrar”. A grande “invenção” de Helena foi a descoberta da Santa Cruz. Eis o tesouro escondido pelo qual vale a pena vender tudo! A Cruz de Jesus é a maior descoberta da vida, o valor que modifica todos os valores!

Elena conseguiu compreender isto, talvez, porque carregou a sua cruz durante muito tempo. Não nasceu na corte: diz-se que era uma estalajadeira de origens humildes, por quem o futuro imperador Constâncio se tinha apaixonado. Casou-se com ela, mas por cálculos de poder não hesitou em repudiá-la, afastando-a por anos do filho Constantino. Quando se tornou imperador, o próprio Constantino causou-lhe muitas dores e decepções, mas Elena foi sempre ela mesma: uma mulher em busca. Decidiu tornar-se cristã e praticou sempre a caridade, sem nunca se esquecer dos humildes de entre os quais ela própria provinha.

Caros irmãos e irmãs, tanta dignidade e fidelidade à consciência mudam o mundo até hoje: aproximam-nos do tesouro, como o trabalho do agricultor. Cultivar o próprio coração exige esforço. É o maior trabalho. Mas escavando descobrimos; abaixando-nos, aproximamo-nos cada vez mais daquele Senhor que se despojou a si mesmo para se tornar como nós. A sua Cruz está sob a crosta da nossa terra!

Podemos caminhar orgulhosos, pisando distraidamente o tesouro que está sob os nossos pés. Se, ao contrário, nos tornarmos como crianças, conheceremos outro Reino, outra força. Deus está sempre abaixo de nós, para nos elevar.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 6 setembro 2025

Esperar é intuir

Ambrósio de Milão

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

O Jubileu torna-nos peregrinos de esperança, porque intuímos uma grande necessidade de renovação que diz respeito tanto a nós como a toda a terra.

Acabei de dizer “intuímos”: este verbo – intuir – descreve um movimento do espírito, uma inteligência do coração que Jesus encontrou sobretudo nos pequeninos, isto é, nas pessoas de alma humilde. Com efeito, muitas vezes as pessoas eruditas intuem pouco, pois

presumem saber. É bom, ao contrário, ter ainda espaço na mente e no coração, a fim de que Deus se possa revelar. Quanta esperança, quando surgem novas intuições no povo de Deus!

*Jesus exulta com isto, está cheio de alegria, pois se dá conta de que os pequeninos intuem. Têm o *sensus fidei*, que é como um “sexto sentido” das pessoas simples em relação às coisas de Deus. Deus é simples e revela-se aos simples. Por isso, há uma infalibilidade do povo de Deus na fé, da qual a infalibilidade do Papa é expressão e serviço (cf. Conc. Ecum. Vat. II, [Lumen gentium](#), 12; Comissão Teológica Internacional, [O “sensus fidei” na vida da Igreja](#), 30-40).*

Gostaria de recordar um momento na história da Igreja, que mostra como a esperança pode advir da capacidade de intuição do povo. No século IV, em Milão, a Igreja vivia dilacerada por grandes conflitos e a eleição do novo bispo transformava-se num verdadeiro tumulto. Interveio a autoridade civil, o governador Ambrósio que, com grande capacidade de escuta e mediação, restabeleceu a tranquilidade. A narração conta que, então, uma voz de criança se levantou clamando: “Ambrósio bispo!”. E assim também todo o povo pediu: “Ambrósio bispo!”.

Ambrósio nem sequer era batizado, era apenas um catecúmeno, ou seja, preparava-se para o Batismo. Mas o povo intui algo profundo neste homem e elege-o. Assim, a Igreja teve um dos seus maiores bispos, um doutor da Igreja.

A princípio Ambrósio não quer, até foge. Depois compreende que se trata de uma chamada de Deus, por isso deixa-se batizar e ordenar bispo. E torna-se cristão como bispo! Vede que grande dom foi oferecido pelos pequeninos à Igreja? Ainda hoje esta é uma graça a pedir: tornar-se cristão vivendo a chamada recebido! És mãe, és pai? Torna-te cristão como mãe e pai. És empresário, operário, professor, sacerdote, religiosa? Torna-te cristão no teu caminho. O povo tem este “faro”: compreende se nos estamos a tornar cristãos ou não. E pode corrigir-nos, pode indicar-nos o rumo de Jesus.

Ao longo dos anos, Santo Ambrósio restituiu muito ao seu povo. Por exemplo, inventou novas formas de entoar salmos e hinos, de celebrar, de pregar. Ele próprio sabia intuir, e assim a esperança multiplicou-se. Agostinho converteu-se graças à sua pregação e foi batizado por ele. Intuir é uma maneira de esperar, não nos esqueçamos disto!

Também desta forma Deus faz a sua Igreja progredir, indicando-lhe novos caminhos. Intuir é o faro dos pequeninos para o Reino que há de vir. Que o Jubileu nos ajude a tornar-nos pequeninos segundo o Evangelho, para intuir e servir os sonhos de Deus!

Saudações:

Queridos peregrinos de língua portuguesa, a todos vós, em especial aos catequistas, dou as minhas cordiais boas-vindas. Que nunca vos falte nem coragem nem dedicação no anúncio da boa nova de Jesus, em particular às crianças, para que elas cresçam intuindo que Deus as ama e tem para elas grandes sonhos. De coração, a todos abençoo!

Apelo

Hoje, em Bilki (Ucrânia), será beatificado o sacerdote Pedro Paulo Oros, da Eparquia de Mukachevo, morto em 1953 por ódio à fé. Quando a Igreja greco-católica foi declarada ilegal, ele permaneceu fiel ao Sucessor de Pedro e, com coragem, continuou a exercer o seu ministério clandestinamente, consciente dos riscos. Invoquemos a intercessão deste novo Beato, a fim de que permita que o amado povo ucraniano persevere vigorosamente na fé e na esperança, não obstante o drama da guerra!

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 27 setembro 2025

Esperar é escolher

Clara de Assis

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e boas-vindas a todos!

No texto bíblico que acabou de ser lido (Lc 16, 13-14), o Evangelista observa que algumas pessoas, depois de terem escutado Jesus, zombavam dele. O seu discurso sobre a pobreza parecia-lhes absurdo. Mais precisamente, sentiam-se tocados profundamente pelo próprio apego ao dinheiro.

Prezados amigos, viestes como peregrinos de esperança, e o Jubileu é um tempo de esperança concreta, no qual o nosso coração pode encontrar perdão e misericórdia, a fim de que tudo possa recomeçar de modo novo. O Jubileu abre também à esperança de uma diferente distribuição da riqueza, da possibilidade de que a terra seja de todos, porque na realidade não é assim. Neste ano, devemos escolher a quem servir, se a justiça ou a injustiça, se a Deus ou o dinheiro.

Esperar significa escolher. Isto quer dizer pelo menos duas coisas. A mais evidente é que o mundo muda, se nós mudarmos. É por isso que se faz a peregrinação, é uma escolha. Atravessa-se a Porta Santa para entrar num novo tempo. O segundo significado é mais profundo e delicado: esperar significa escolher, pois quem não escolhe desespera. Uma das consequências mais comuns da tristeza espiritual, ou seja, da acédia, é não escolher nada. Então, quem a experimenta é levado por uma preguiça interior que é pior do que a morte. Esperar, pelo contrário, significa escolher!

Hoje gostaria de recordar uma mulher que, com a graça de Deus, soube escolher. Uma jovem corajosa que foi contra a corrente: Clara de Assis. E sinto-me feliz por falar dela precisamente no dia da festa de São Francisco. Sabemos que Francisco, escolhendo a pobreza evangélica, teve que romper com a própria família. Mas era um homem: houve o escândalo, mas foi menor. A escolha de Clara foi ainda mais impressionante: uma jovem que queria ser como Francisco, que queria viver como mulher, livre como aqueles irmãos!

Clara compreendeu a exigência do Evangelho. Mas até numa cidade que se crê cristã, o Evangelho levado a sério pode parecer uma revolução. Hoje como naquela época, é preciso escolher! Clara escolheu, e isto dá-nos uma grande esperança. Na realidade, vemos duas consequências da sua coragem de seguir aquele desejo: a primeira é que muitas outras jovens daquele território encontraram a mesma coragem e escolheram a pobreza de Jesus, a vida das bem-aventuranças; a segunda consequência é que aquela escolha não foi como um fogo de palha, mas prolonga-se no tempo, até nós. A escolha de Clara inspirou opções vocacionais no mundo inteiro e continua a fazê-lo até aos dias de hoje.

Jesus diz: não se pode servir a dois senhores. Assim, a Igreja é jovem e atrai os jovens. Clara de Assis lembra-nos que os jovens gostam do Evangelho. E continua a ser assim: os jovens gostam das pessoas que escolheram e aceitam as consequências das próprias escolhas. E isto leva outros a desejar escolher. Trata-se de uma santa imitação: as pessoas não se tornam “fotocópias”, mas cada qual - quando opta pelo Evangelho - escolhe-

se a si mesmo. Perde-se a si próprio e encontra-se a si mesmo. É a experiência que o demonstra: é assim que acontece!

Portanto, oremos pelos jovens; e rezemos para ser uma Igreja que não serve o dinheiro nem a si mesma, mas o Reino de Deus e a sua justiça. Uma Igreja que, como Santa Clara de Assis, tem a coragem de habitar a cidade de maneira diferente. Isto infunde esperança!

Saudações:

Saúdo os peregrinos de língua portuguesa, especialmente os que chegaram de Portugal e do Brasil, aqui reunidos para a peregrinação jubilar. Exorto-vos a atravessar a Porta Santa, escolhendo a vida que Jesus nos oferece no Evangelho: uma vida pobre, justa, misericordiosa, pacificadora e feliz. Deus vos abençoe!

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 4 outubro 2025

Esperar é não saber

Nicolau de Cusa

Queridos irmãos e irmãs, bom-dia e boas vindas!

Vós alcançastes a meta da vossa peregrinação, mas, como os discípulos de Jesus, precisamos agora aprender a habitar um mundo novo. O Jubileu nos fez peregrinos de esperança justamente por isso: tudo agora deve ser visto à luz da ressurreição do Crucificado. É nessa esperança que somos salvos! Os olhos, porém, não estão acostumados. Assim, antes de ascender ao céu, o Ressuscitado começou a educar o nosso olhar. E continua a fazê-lo também hoje! De fato, as coisas não são o que parecem: o amor venceu, mesmo que tenhamos diante dos olhos tantos contrastes e vejamos o choque de tantos opostos.

Em uma época igualmente conturbada, no século XV, a Igreja teve um Cardeal que ainda hoje é pouco conhecido. Ele foi um grande pensador e servidor da unidade. Seu nome era Nicolau e ele veio de Kues, Alemanha: Nicolau de Cusa. Ele pode nos ensinar que esperar é também "não saber". Como escreve São Paulo, de fato: "como pode alguém esperar o que vê?" (Rm 8,24). Nicolau de Cusa não conseguia enxergar a unidade da Igreja, abalada por correntes opostas e dividida entre Oriente e Ocidente. Ele não conseguia enxergar paz no mundo e entre as religiões, numa época em que o cristianismo se sentia ameaçado de fora. Enquanto viajava, no entanto, como diplomata do Papa, ele orava e refletia. É por isso que seus escritos são repletos de luz.

Muitos de seus contemporâneos viviam com medo; outros se armavam, preparando novas cruzadas. Nicolau, no entanto, escolheu desde jovem frequentar aqueles que tinham esperança, aqueles que se aprofundavam em novas disciplinas, aqueles que reliam os clássicos e retornavam às fontes. Acreditava na humanidade. Ele entendia que há opostos que devem ser mantidos juntos, que Deus é um mistério no qual o que está em tensão encontra unidade. Nicolau sabia que não sabia e, portanto, entendia a realidade cada vez melhor. Que grande dom para a Igreja! Que chamado à renovação do coração! Aqui estão seus ensinamentos: abrir espaço, manter os opostos juntos, esperar pelo que ainda não se vê.

Nicolau de Cusa falava de uma "ignorância doura", sinal de inteligência. O protagonista de alguns de seus escritos é um personagem curioso: o idiota. É uma pessoa simples, sem instrução, e faz perguntas elementares aos doutos, que colocam em crise suas certezas.

O mesmo acontece na Igreja de hoje. Quantas perguntas colocam em crise o nosso ensinamento! Perguntas dos jovens, perguntas dos pobres, perguntas das mulheres, perguntas daqueles silenciados ou condenados por diferirem da maioria. Vivemos em um tempo abençoado: quantas perguntas! A Igreja se torna especialista em humanidade se caminha com a humanidade e ecoa suas perguntas em seu coração.

Queridos irmãos e irmãs. Esperar não é saber. Ainda não temos as respostas para todas as perguntas. Mas temos Jesus. Seguimos Jesus. E assim esperamos o que ainda não vemos. Tornamo-nos um povo em que os opostos se compõem em unidade. Entramos como exploradores no novo mundo do Ressuscitado. Jesus vai à nossa frente. Aprendemos,

avançando um passo de cada vez. É um caminho não apenas para a Igreja, mas para toda a humanidade. Um caminho de esperança.

Saudações:

Dirijo uma cordial saudação a todos os peregrinos de língua portuguesa, especialmente aos que vieram da Paróquia do Santíssimo Redentor, de Luanda, em Angola. Queridos irmãos e irmãs, Jesus Cristo é a resposta fundamental às perguntas mais profundas do nosso coração. Confiemos n'Ele para percorrermos juntos este caminho jubilar como autênticos promotores da paz, da concórdia e da unidade, com a ajuda da Virgem Maria.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 25 outubro 2025

Esperar é testemunhar

Isidoro Bakanja

Prezados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

A esperança do Jubileu nasce das surpresas de Deus. Deus é diferente do que nós estamos habituados a ser. O Ano jubilar impele-nos a reconhecer esta diversidade e a traduzi-la na vida real. Por isso, é um Ano de graça: podemos mudar! Pedimo-lo sempre, quando recitamos o Pai-Nosso e dizemos: «Assim na terra, como no céu».

São Paulo escreve aos cristãos de Corinto, convidando-os a compreender que, entre eles, a terra já começou a assemelhar-se ao céu. Diz-lhes que considerem o seu chamamento e vejam como Deus aproximou pessoas que, de outra forma, nunca se teriam encontrado. Quem era mais humilde e menos poderoso agora tornou-se precioso e importante (cf. 1 Cor 1, 26-27). Os critérios de Deus, que começa sempre pelos últimos, já em Corinto são um “tremor de terra” que não destrói, mas desperta o mundo. A palavra da Cruz, que Paulo testemunha, desperta a consciência e a dignidade de cada um.

Estimados irmãos e irmãs, esperar é testemunhar: testemunhar que tudo já mudou, que nada é mais como antes. Por isso, hoje gostaria de vos falar de uma testemunha da esperança cristã na África. Chama-se Isidore Bakanja e, desde 1994, foi incluído entre os Beatos, padroeiro dos leigos no Congo. Nascido em 1885, quando o seu país era colônia belga, não frequentou a escola, porque na sua cidade não havia escolas, mas tornou-se aprendiz de pedreiro. Fez-se amigo dos missionários católicos, monges trapistas: falaram-lhe de Jesus e ele aceitou seguir a instrução cristã e receber o Batismo, quando tinha cerca de vinte anos. A partir daquele momento, o seu testemunho tornou-se cada vez mais luminoso. Esperar é testemunhar: quando testemunhamos a vida nova, a luz aumenta até no meio das dificuldades.

Com efeito, Isidore encontra-se a trabalhar como operário agrícola para um patrão europeu sem escrúpulos, que não suporta a sua fé e a sua autenticidade. O patrão odiava o cristianismo e os missionários que defendiam os indígenas contra os abusos dos colonizadores, mas Isidore levará até ao fim o seu escapulário ao pescoço com a imagem da Virgem Maria, sofrendo todos os tipos de maus-tratos e torturas, sem perder a esperança. Esperar é testemunhar! Isidore morre, declarando aos padres trapistas que não sente rancor; aliás, promete rezar também no além por aqueles que o reduziram assim.

Caros irmãos e irmãs, tal é a palavra da Cruz. Trata-se de uma palavra vivida, que interrompe a cadeia do mal. É um novo tipo de força, que confunde os soberbos e derruba os poderosos dos seus tronos. Assim surge a esperança! Muitas vezes, as antigas Igrejas do Norte do mundo recebem das Igrejas jovens este testemunho, que impele a caminhar juntos rumo ao Reino de Deus, que é Reino de justiça e de paz. A África, em particular, pede esta conversão, e fá-lo oferecendo-nos tantas testemunhas jovens de fé. Esperar é testemunhar que a terra pode verdadeiramente assemelhar-se ao céu. E esta é a mensagem do Jubileu!

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 8 novembro 2025

Esperar é assumir uma posição

Dorothy Day

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Para muitos de vós, estar presentes hoje em Roma constitui a realização de um grande desejo. Para quem faz uma peregrinação e chega ao destino, é importante recordar o momento da decisão. Algo, no início, moveu-se dentro de vós, talvez graças à palavra ou ao convite de outrem. Assim, foi o próprio Senhor que vos tomou pela mão: um desejo e depois uma decisão. Sem isto, não estaríeis aqui. É importante recordá-lo!

E é também importante o que ouvimos há pouco no Evangelho: «A quem foi dado muito, muito será pedido; a quem foi confiado muito, muito mais será exigido». Jesus di-lo aos discípulos mais próximos, àqueles que mais estavam com Ele. E também nós recebemos muito do caminho percorrido até aqui, estivemos com Jesus e com a Igreja e, embora a Igreja seja uma comunidade com limites humanos, recebemos muito. Então, Jesus espera muito de nós! É um sinal de confiança, de amizade. Ele espera muito, porque nos conhece e sabe que podemos!

Jesus veio trazer o fogo: o fogo do amor de Deus na terra e o fogo do desejo no nosso coração. De certa maneira, Jesus tira-nos a paz, se pensarmos na paz como calma inerte. No entanto, esta não é a verdadeira paz. Às vezes, gostaríamos de ser “deixados em paz”: que ninguém nos incomode, que os outros deixem de existir. Não é a paz de Deus. A paz que Jesus traz é como um fogo e exige muito de nós! Pede-nos, acima de tudo, que assumamos uma posição. Perante as injustiças, as desigualdades, onde a dignidade humana é espezinhada, onde os frágeis são privados da palavra: assumir uma posição. Esperar é assumir uma posição! Esperar é compreender no coração e mostrar nos acontecimentos que a realidade não deve continuar como antes. Também este é o fogo bom do Evangelho!

Gostaria de recordar uma pequena grande mulher americana, Dorothy Day, que viveu no século passado. Ela tinha o fogo dentro de si. Dorothy Day assumiu uma posição. Viu que o modelo de desenvolvimento do seu país não criava as mesmas oportunidades para todos, compreendeu que para muitos o sonho era um pesadelo, que como cristã devia envolver-se com os trabalhadores, com os migrantes, com os descartados por uma economia que mata. Escrevia e servia: é importante unir mente, coração e mãos. Isto significa assumir

uma posição. Escrevia como jornalista, ou seja, pensava e fazia pensar. Escrever é importante! E também ler, hoje mais do que nunca. Além disso, Dorothy servia refeições, distribuía roupas, vestia-se e comia como aqueles a quem servia: unia mente, coração e mãos. Deste modo, esperar significa assumir uma posição!

Dorothy Day envolveu milhares de pessoas. Abriram casas em muitas cidades, em numerosos bairros: não grandes centros de serviços, mas pontos de caridade e justiça onde se chamavam pelo nome, se conheciam um por um e transformavam a indignação em comunhão e ação. Eis como são os pacificadores: tomam uma posição e assumem as consequências, mas vão em frente. Esperar significa assumir uma posição, como Jesus, com Jesus. O seu fogo é o nosso fogo! Que o Jubileu o reavive em nós e em toda a Igreja!

Saudações:

Dirijo uma cordial saudação a todos os peregrinos de língua portuguesa, especialmente aos que vieram de Portugal e do Brasil. Queridos irmãos e irmãs, não nos deixemos levar pela globalização da indiferença, que parece não ter fim no mundo de hoje. Alimentados pela Palavra de Deus, unamos mente, coração e mãos para fazer a diferença na sociedade. Abençoo-vos de coação!

Resumo da catequese do Santo Padre:

É preciso sempre recordar que, em nossa peregrinação jubilar, recebemos inúmeras bênçãos de Deus, e que Cristo espera que correspondamos a estas graças. A paz que Ele nos traz é como um fogo e exige muito de nós, sobretudo que não sejamos indiferentes diante da injustiça. A jornalista estado-unidense Dorothy Day percebeu que a economia de seu país não era justa com os mais necessitados. Ela insistia na importância de unir mente, coração e mãos: servia refeições, distribuía roupas e sentava-se para comer junto daqueles que ajudava. Ao motivar milhares de pessoas a cuidar dos mais pobres, ela testemunha que ter esperança é comprometer-se com os outros.

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 22 novembro 2025

Esperar é participar

Alberto Marvelli

Queridos irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Entrámos há pouco no tempo litúrgico do Advento, que nos educa para atenção aos sinais dos tempos. De facto, recordamos a primeira vinda de Jesus, o Deus conosco, para aprender a reconhecê-lo sempre que vem e para nos prepararmos para quando voltar. Então, estaremos juntos para sempre. Juntos com Ele, com todos os nossos irmãos e irmãs, com todas as outras criaturas, neste mundo finalmente redimido: a nova criação.

Esta espera não é passiva. De facto, o Natal de Jesus revela-nos um Deus envolvente: Maria, José, os pastores, Simeão, Ana e, mais tarde, João Batista, os discípulos e todos aqueles que encontram o Senhor estão envolvidos, são chamados a participar. É uma grande honra, e que vertigem! Deus envolve-nos na sua história, nos seus sonhos. Esperar, então, é participar. O lema do Jubileu, “Peregrinos de esperança”, não é um slogan que daqui a um mês terá passado! É um programa de vida: “peregrinos de esperança” significa pessoas que caminham e que esperam, porém não de braços cruzados, mas participando.

O Concílio Vaticano II ensinou-nos a ler os sinais dos tempos: diz-nos que ninguém consegue fazê-lo sozinho, mas juntos, na Igreja e com muitos irmãos e irmãs, leem-se os sinais dos tempos. São sinais de Deus, de Deus que vem com o seu Reino, através das circunstâncias históricas. Deus não está fora do mundo, fora desta vida: aprendemos na primeira vinda de Jesus, Deus-conosco, a procurá-lo entre as realidades da vida. Procurá-lo com inteligência, coração e mangas arregaçadas! E o Concílio disse que esta missão é de modo particular dos fiéis leigos, homens e mulheres, porque o Deus que se encarnou vem ao nosso encontro nas situações de cada dia. Nos problemas e nas belezas do mundo, Jesus espera-nos e envolve-nos, pede-nos que trabalhemos com Ele. É por isso que esperar é participar!

Hoje gostaria de recordar um nome: o de Alberto Marvelli, um jovem italiano que viveu na primeira metade do século passado. Educado em família segundo o Evangelho,

formado na Ação Católica, licencia-se em engenharia e entra na vida social na época da segunda guerra mundial, que ele condena firmemente. Em Rimini e arredores, empenha-se com todas as forças em socorrer os feridos, os doentes, os deslocados. Muitos o admiram por esta sua dedicação abnegada e, após a guerra, é eleito vereador e encarregado da comissão para a habitação e a reconstrução. Assim, entra na vida política ativa, mas, justamente quando se dirige de bicicleta a um comício, é atropelado por um caminhão militar. Tinha 28 anos. Alberto mostra-nos que esperar é participar, que servir o Reino de Deus dá alegria mesmo no meio de grandes riscos. O mundo torna-se melhor se perdermos um pouco de segurança e de tranquilidade para escolher o bem. Isto é participar.

Perguntemo-nos: participo em alguma iniciativa boa, que envolve os meus talentos? Tenho o horizonte e o respiro do Reino de Deus quando presto algum serviço? Ou faço-o resmungando, lamentando-me de que tudo corre mal? O sorriso nos lábios é o sinal da graça em nós.

Esperar é participar: este é um dom que Deus nos dá. Ninguém salva o mundo sozinho. E nem sequer Deus quer salvá-lo sozinho: Ele poderia, mas não quer, porque juntos é melhor. Participar faz-nos exprimir e torna mais nosso aquilo que, no final, contemplaremos para sempre, quando Jesus voltar definitivamente.

Saudações:

Saúdo cordialmente os fiéis de língua portuguesa. Perguntai-vos sempre se a vossa esperança é ativa, ou seja, se colocais os dons e capacidades que Deus vos concedeu ao serviço de quem necessita. Pela intercessão da Imaculada Conceição, desça sobre vós e sobre as vossas famílias a bênção de Deus!

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 6 dezembro 2025

Esperar é gerar

Maria, nossa esperança

Prezados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

Quando o Natal é iminente, podemos dizer: o Senhor está próximo! Sem Jesus, esta afirmação – o Senhor está próximo – poderia soar quase como uma ameaça. Em Jesus, ao contrário, descobrimos que, como os profetas intuíram, Deus é um ventre de misericórdia. O Menino Jesus revela-nos que Deus tem entranhas de misericórdia, através das quais gera sempre. Nele não há ameaça, mas perdão!

Caríssimos, a de hoje é a última das audiências jubilares de sábado, iniciadas em janeiro passado pelo Papa Francisco. O Jubileu chega ao fim, mas a esperança que este Ano nos concedeu não termina: permaneceremos peregrinos de esperança! Ouvimos de São Paulo: «Sim, fomos salvos na esperança» (Rm 8, 24). Sem esperança, morremos; com a esperança, vimos à luz. A esperança é geradora. Com efeito, é uma virtude teologal, ou seja, uma força de Deus, e como tal gera, não mata, mas faz nascer e renascer. Esta é a verdadeira força! Aquilo que ameaça e mata não é força: é prepotência, é medo agressivo, é mal que nada gera. A força de Deus faz nascer. Por isso, no final, gostaria de vos dizer: esperar é gerar!

São Paulo escreve aos cristãos de Roma algo que nos faz pensar: «Sabemos, com efeito, que toda a criação tem gemido e sofrido as dores de parto, até ao presente» (Rm 8, 22). É uma imagem muito forte! Ajuda-nos a ouvir e a levar na oração o clamor da terra e o clamor dos pobres. “Toda a criação” é um grito! Mas muitos poderosos não ouvem este grito: a riqueza da terra está nas mãos de poucos, pouquíssimos, cada vez mais concentrada – injustamente – nas mãos de quem muitas vezes não quer ouvir o gemido da terra e dos pobres. Deus destinou os bens da criação a todos, para que todos participem deles. A nossa tarefa consiste em gerar, não roubar. No entanto, na fé, a dor da terra e dos pobres é a de um parto. Deus gera sempre, Deus continua a criar, e nós podemos gerar com Ele, na esperança. A história está nas mãos de Deus e de quem espera n’Ele. Não há apenas aqueles que roubam, há sobretudo aqueles que geram!

Irmãs e irmãos, se a oração cristã é tão profundamente mariana, é porque em Maria de Nazaré vemos uma de nós que gera. Deus tornou-a fecunda e veio ao nosso encontro com

os seus traços, como cada filho se assemelha à mãe. Ela é Mãe de Deus e nossa Mãe. “Nossa esperança”, dizemos na Salve Rainha. Assemelha-se ao Filho e o Filho assemelha-se a ela. E nós assemelhamo-nos a esta Mãe que deu rosto, corpo e voz à Palavra de Deus. Assemelhamo-nos a ela, porque podemos gerar a Palavra de Deus aqui na terra, transformando o grito que ouvimos num parto. Jesus quer nascer de novo: podemos dar-lhe corpo e voz. Eis o parto que a criação espera!

Esperar é gerar! Esperar é ver que este mundo se torna o mundo de Deus: o mundo em que Deus, os seres humanos e todas as criaturas voltam a passear juntos, na cidade-jardim, a nova Jerusalém. Maria, nossa esperança, acompanhe sempre a nossa peregrinação de fé e esperança!

AUDIÊNCIA GERAL – Praça de São Pedro

Quarta-feira, 20 dezembro 2025